

Entrevista: **Eribert Marquez de Souza**

## *Sangue novo, sangue bom!*

Jovem e bem sucedido, este “maninho”, como é conhecido entre os amigos, desponta como um articulista de idéias claras e um grande formador de opinião

*Apesar de ainda jovem - apenas 31 anos - o pescador Eribert Marquez de Sousa é hoje um dos nomes de peso quando o assunto gira em torno dos rumos da pesca esportiva. Dono de um carisma que conquista e se espalha pelos quatro cantos do país, esse mineirinho, nascido em Uberlândia (MG), começou sua trajetória como pescador nos rios e represas do Triângulo Mineiro, onde foi influenciado e, posteriormente, passou a influenciar outros pescadores a soltar os peixes capturados. Para tanto, formou uma equipe de pesca com três amigos, que mais tarde deu origem ao portal de pesca Tucunazul, através do qual começou a despontar como um articulista hábil e uma liderança respeitada não apenas entre os pescadores, como também, entre guias de pesca e empresários do setor. Na entrevista que concedeu a REVISTA PESCA, Eribert se revela um pescador extremamente apaixonado e atualizado e, ao mesmo tempo, uma pessoa empenhada em passar adiante os conhecimentos que detém.*



**Pesca** – Quem foram seus maiores incentivadores no esporte?

**Eribert** – Comecei a pescar aos seis anos de idade com meus tios Hugney e Urbano no rio Araguari, hoje represado pela barragem da usina de Miranda. Naquele tempo esse rio tinha muito Lambari, Piau e a Piapara, que foi o primeiro peixe de expressão que peguei.

*Lembro que não consegui segurá-lo e precisei da ajuda de um primo. Depois dessa pescaria passei a ir freqüentemente para o Araguaiá nas férias escolares e, tempos depois, tive a oportunidade de pescar com meu pai. Foi nessa primeira viagem para o pantanal, uma experiência marcante, pois, muito diferente da situação em que se encontra atualmente, lá*

*era um paraíso para a pesca de Dourados e as demais espécies. Nessa viagem aprendi sobre a importância de bons equipamentos e da solidariedade entre os pescadores - pois na primeira passada em uma corredeira engatamos dois Douradões, e na briga o molinete do meu pai quebrou a manivela e o meu, os rolamentos. Perdemos os peixes e vivemos uma*



*os tios Urbano e Hugney, com quem comecei a pescar aos 6 anos de idade*

*grande frustração, afinal estávamos em um lugar fantástico, mas o equipamento era totalmente inadequado. Por sorte, na pousada nos emprestaram dois molinetes “de verdade”: um Paoli e um Daiwa BG 90, e também meia dúzia de colheres gigantes com super anzóis. Realizamos uma pescaria de sonhos e, por conta dessa experiência, hoje, quando vejo um parceiro sem o equipamento correto, empresto na hora, pois sei o quanto é decepcionante estar no lugar certo com a tralha errada.*

**Pesca** – Você é rotulado como um pescador fanático por iscas artificiais e por Tucunarés. Quando começou essa paixão?

**Eribert** – *Meu tio Urbano também foi o “culpado”. Em 1985 ele me levou para uma lagoa em São Miguel do Araguaia onde me apresentou o Tucunaré. Também foi meu primeiro contato com iscas de meia água, uma Daiwa, que guardo até hoje com muito carinho. Estava acostumado com o tranco de Traíras e, quando tomei a pancada do “bocado”, fiquei alucinado. O monstro, que não chegou aos 2 quilos, fez o Paolino cantar a fricção como nunca havia ouvido, um episódio que me deixou enfeitiçado por essas iscas e por esse peixe.*

**Pesca** – Muitos pescadores, após a primeira experiência com iscas artificiais, abandonam completamente outros estilos de pesca.

Com você aconteceu a mesma coisa?

**Eribert** – *No começo sim, mas pouco tempo depois de minha primeira experiência com essas iscas aconteceu um fato que me fez mudar de idéia. Meu tio fisgou uma Pirarara gigante no rio Araguaia e foi aquela loucura: a fisgada, a vara vergada, a correria para soltar o barco, ligar o motor, desviar de obstáculos. E eu assistindo tudo sem participar. Ali compreendi que para curtir tudo que*

*uma boa pescaria pode oferecer, é preciso dominar todas as técnicas e usar todo tipo de isca.*

**Pesca** – Que peixe ocupa lugar de destaque em sua memória?

**Eribert** – *É difícil citar apenas um, pois já pesquei muitas espécies. Mas tem um peixe que não sai da minha cabeça. Em 2007, durante uma expedição ao rio Telles Pires, após 2 anos de tentativas vãs, consegui fisgar meu primeiro Tambaqui. Foi um momento impar,*



*fisgar meu primeiro Tambaqui, depois de tanto tempo perseguindo esse peixe, foi um momento impar*



pois depois de tanto tempo perseguindo esse peixe, consegui tirar um espécime com mais de 24 kg. Simplesmente inesquecível!

**Pesca** – Você também é apaixonado por embarcações de pesca. Quando começou essa paixão?

**Eribert** – Meu primeiro barco, veio aos 19 anos. Minha esposa, na época namorada, estudava em uma escola em frente a uma loja de pesca de Uberlândia. E sempre que ia buscá-la, entrávamos nessa loja e eu ficava paquerando os barcos expostos. Eram mo-

delos Canadian com comando à distância e motores 35 e 40 HP, meu sonho de consumo naquela época. Juntei o dinheiro e, depois de alguns meses só especulando, realizei meu sonho. Depois dessa aquisição, me apaixonei por barcos de pesca a tal ponto, que cheguei a comprar cinco modelos diferentes em curto espaço de tempo. Em 1988 adiquiri meu primeiro Bass Boat. Lembro que quando comecei a navegar com ele nas represas de nossa região, tinha gente que achava que o barco espantaria os peixes, ou-

tros desconfiavam que poderia empinar, e por ai foi. Mas aos poucos, as más impressões se converteram em admiração. A tal ponto, que atualmente nossa região é uma das que mais tem esse modelo de barco.

**Pesca** – Como você vê a necessidade de se praticar o pesque e solte?

**Eribert** – Também já fui um grande matador. Na primeira pescaria que fiz no rio Piqueiri matei mais de 100 tucunares em apenas um dia. Era tão insano que usava uma colher para ficar mais fácil de tirar a isca e pegar outro novamente. Lembro que naquela época todos achavam que o Tucunaré iria exterminar as demais espécies e infestar as águas pantaneiras. Em 2003 já tinha me convertido em pescador

esportivo quando retornei a esse rio. E para minha surpresa percebi que os peixes haviam diminuído radicalmente, tanto no tamanho quanto na quantidade. Também presenciei, ano a ano, o peixe diminuir nos rios Manso, Coluene, Araguaia, Paraguai, e nas represas de Itumbiara, Emborcação, São Simão e até Serra da Mesa. Lamentavelmente ainda existem muitos pescadores que matam os peixes indiscriminadamente. No entanto, como já fui um deles, não consigo vê-los como bandidos ou marginais. Acho que soltar os peixes é uma questão de consciência, e conscientização não se consegue com imposição, com segregação ou discriminação de pessoas ou grupos. É preciso ter argumentos convincentes, ser simpático e dar exemplo. Em 2004 fiz minha primeira pescaria na Pousada Mantega. Quando vi o cuidado que eles têm com preservação dos peixes de sua região e o resultado de tamanha dedicação, me engajei de vez nessa luta.

**Pesca** – O portal Tucunazul, do qual você é um dos sócios, se tornou uma espécie de ícone da pesca esportiva no Triângulo Mineiro. Como surgiu a idéia de criar esse espaço?



**Eribert** – Foi em 2005, durante um churrasco na represa de Emborcação. Estávamos discutindo temas diversos como a desunião dos pescadores, o declínio da pesca nas represas do Paranaíba, entre outros, quando resolvemos fazer algo para mudar este quadro.

No início foi muito difícil, pois além da pouca adesão (muitos nos rotulavam de loucos), estávamos com muita dificuldade para montar o site. Mas tanto eu, como o Marcelo Negão, o Flavinho e o Darcey, estávamos decididos. No torneio de Nova Ponte fizemos uma parceria com a Revista Pesca, e com a união de nossas forças e trabalho, o projeto deslançou. Hoje tenho certeza que o Tucunazul se tornou um espaço muito importante para a pesca esportiva. Nosso fórum, atualmente freqüentado por pescadores de todo país, é um espaço usado para discutir temas diversos, marcar pescarias, tirar dúvidas sobre pontos de pesca, e também tem sido muito importante para divulgar e ajudar a organizar eventos. Fico envaidecido por ter ajudado a criar um espaço que serve para orientação, descontração, divulgação e principalmente, conscientização dos pescadores de nossa região.

**Pesca** – É comum vê-lo pescando com sua esposa, inclusive em lugares distantes como o rio Telles Pires. Quando e como conseguiu transformar sua companheira em parceira de pesca e qual a importância de tê-la ao seu lado?

**Eribert** – Comecei namorar com a Líbia quando ela tinha 15 anos, mas como seu pai é um grande pescador, sei que não foi por minha influência que ela começou a pescar, ou seja, é hereditário. Certamente por isso, desde os tempos em que éramos apenas namorados, ela sempre foi muito condescendente quando eu marcava minhas pescarias, jamais se opôs. Mas, se admito que não fui o responsável por sua iniciação, posso me gabar de ter-lhe apresentado seu primeiro Tucunaré, espécie pela qual ela também é fanática.

Ao longo de nossas vidas já pes-



camos juntos em diversos lugares, tanto em água doce como salgada, e como ela é pescadora de raiz, nessas viagens, e com seus próprios argumentos, ela já convenceu inúmeras outras esposas e namoradas a participar de pescarias com seus companheiros, algo significativo para um esporte que já foi rotulado como os piores adjetivos.

**Pesca** – Quais são os maiores frutos que julga ter colhido como editor do Tucunazul, colunista da revista Pesca, e como pescador de um modo geral?

**Eribert** – Foram as amizades. E falo de amigos verdadeiros! A pesca esportiva é um ambiente mágico, cujo encanto é despir as pessoas de posições sociais, preconceitos e vaidades. E quando vemos as pessoas exatamente como são, fica mais fácil enxergar suas virtudes e compreender seus defeitos. Hoje em dia me considero uma pessoa privilegiada, pois tanto por influência do portal como da revista, tenho amigos nos quatro cantos do país. E ter amigos é tudo que precisamos para ser felizes e superar momentos difíceis. Percebi isso quando tive que me mudar para Rio Verde-GO por motivos alheios a minha vontade e, durante meu período de adaptação, recebi a solidariedade e o carinho de pessoas que nem imaginava que se importavam comigo.

Hoje sou um homem realizado, com muitos amigos e aberto para novas amizades.

**Pesca** – Quais são seus projetos para o futuro, inclusive no que diz respeito às pescarias?

**Eribert** – O maior projeto é promover a união entre os pescadores, pois só assim poderemos influenciar nas decisões que são tomadas em relação ao meio ambiente. Lamentavelmente, apesar de fazermos parte de um grupo bastante expressivo em quantidade de participantes, por falta de união e excesso de vaidades, não temos qualquer representatividade.

Com relação às pescarias, vivo planejando conhecer novos lugares, assim como, voltar naqueles onde os peixes e as pessoas me proporcionaram experiências inesquecíveis.

**Pesca** – Que mensagem gostaria de deixar para os pescadores?

**Eribert** – Primeiramente gostaria de agradecer ao apoio dos amigos que freqüentam o nosso Tucunazul e aos leitores da revista PESCA, afinal de contas são eles que mostram quando estamos no caminho certo, e vice e versa.

E a mensagem é que cada pescador procure entender que somente o pesque e solte poderá garantir o futuro de nosso esporte.

Se cada um fizer sua parte, o caminho será mais fácil.